

Prólogo

A minha vida é a história de uma auto-realização do inconsciente. Tudo o que reside no inconsciente quer transformar-se em acontecimento e também a personalidade quer desenvolver-se a partir das suas condições inconscientes e viver-se a si própria na totalidade. Para descrever este percurso no que me diz respeito, não posso servir-me da linguagem científica; pois não posso experimentar-me a mim próprio como problema científico.

Aquilo que se é, da perspectiva interior, e o que o ser humano parece ser, *sub specie aeternitatis*, só pode ser expresso através de um mito. O mito é mais individual e exprime a vida com mais exactidão do que a ciência. Esta trabalha com conceitos médios, que são demasiado genéricos para poderem fazer justiça à pluralidade subjectiva de uma única vida.

Foi assim que hoje, aos oitenta e três anos, lancei mãos à narração do mito da minha vida. Só posso, contudo, fazer afirmações directas, só posso “contar histórias”. Se são verdadeiras, não é um problema. A questão é, simplesmente: é o *meu* conto maravilhoso, é a *minha* verdade?

A dificuldade na organização de uma autobiografia reside em não se ter uma medida, um fundamento objectivo, a partir do qual se possa emitir juízos. Não há verdadeiras possibilidades de comparação. Eu sei que, em muitos aspectos, não sou como outros, mas não sei como é que sou verdadeiramente. O ser humano não pode comparar-se com nada: não é um macaco, uma vaca, uma árvore. Eu sou um ser humano. Mas o que é isso? Tal como todos os seres, também eu fui separado da divindade infinita, mas não posso confrontar-me com nenhum animal,

com nenhuma planta e nenhuma pedra. Só um ser mítico vai além do ser humano. Mas como pode ter-se umas quaisquer opiniões definitivas sobre si próprio?

As pessoas são um percurso psíquico que não dominam ou que apenas dominam em parte. Em consequência, ninguém tem um juízo acabado sobre si mesmo ou sobre a sua vida. De outra maneira, saber-se-ia tudo a esse respeito, mas isso é uma coisa que, no máximo, as pessoas fantasiam. No fundo, nunca se sabe como tudo aconteceu. A história de uma vida começa algures, num ponto qualquer, de que uma pessoa se recorda no momento, e já aí a vida era altamente complexa. O que é que a vida vem a ser, ninguém sabe. Por isso é que a história não tem um ponto inicial e o objectivo apenas pode ser indicado de modo aproximativo.

A vida do ser humano é uma experiência problemática. Apenas no plano dos números é um fenómeno descomunal. É tão fugaz, tão insuficiente, que é um autêntico milagre alguma coisa poder existir e desenvolver-se. Isto já enquanto jovem estudante de Medicina me impressionava e parecia-me um milagre eu não ser destruído antes do tempo.

A vida sempre me pareceu uma planta que vive do seu rizoma. A sua verdadeira vida não é visível, está no rizoma. Aquilo que é visível acima do solo só dura um Verão. Depois, murcha — um fenómeno efémero. Quando se pensa no infinito devir e morrer da vida e das culturas, obtém-se a impressão de uma insignificância absoluta; mas eu nunca perdi a sensibilidade para alguma coisa que vive e permanece sob a eterna mudança. O que se vê é a flor, e esta morre. O rizoma perdura.

No fundo, só me parecem merecedores de serem contados os acontecimentos da minha vida em que o mundo imperecível irrompeu pelo mundo perecível. É por isso que falo sobretudo das vivências interiores. Destas fazem parte os meus sonhos e imaginações. Elas constituem, ao mesmo tempo, a matéria-prima do meu trabalho científico. Eram como basalto líquido em fogo, que cristalizou na pedra a ser trabalhada.

Ao lado dos acontecimentos interiores, as outras recordações, viagens, pessoas e o mundo circundante empalidecem. Muitos viveram a história presente e escreveram sobre ela; é mais fácil ler neles ou ouvir contar essa história. A recordação dos factos exteriores da minha vida tornou-se para mim, na maior parte, difusa ou desapareceu. Mas os encontros com a outra realidade, o choque com o inconsciente, grava-

ram-se indelevelmente na minha memória. Nesse domínio, houve sempre abundância e riqueza, e tudo o resto passava para segundo plano.

Assim, as pessoas tornaram-se-me recordações imperdíveis por via da circunstância de que, no livro do meu destino, o nome delas estava desde sempre inscrito e de que travar conhecimento com elas foi também, ao mesmo tempo, algo como recordar de novo.

Também as coisas que, na juventude ou mais tarde, vieram ter comigo vindas de fora e adquiriram importância para mim estavam sob o signo da vivência interior. Eu chegara muito cedo à conclusão de que, quando não existe nenhuma resposta e nenhuma solução vinda de dentro para as complicações da vida, elas, em última análise, pouco significam. As circunstâncias exteriores não podem substituir as interiores. Por isso, a minha vida é pobre em acontecimentos exteriores. Não posso contar muito sobre estes; ia parecer-me vazio ou inócuo. Só consigo compreender-me a partir dos acontecimentos interiores. São eles que constituem o que houve de especial na minha vida e é deles que trata a minha “autobiografia”.

Infância

Meio ano depois de eu ter nascido (1875), os meus pais mudaram-se de Keßwil (cantão de Thurgau), junto ao lago de Constança, para a paróquia do castelo de Laufen, acima das cataratas do Reno.

As minhas memórias começam mais ou menos no segundo ou terceiro ano. Recordo-me do presbitério, do jardim, de Buchihüsli, da igreja, do castelo, das cataratas do Reno, do castelinho de Wörth e da quinta do sacristão. São apenas ilhas de recordação a nadar num mar indefinido, aparentemente, sem ligação entre si.

Surge então uma recordação, talvez a mais antiga da minha vida e, assim, apenas uma impressão bastante vaga: estou deitado no meu carrinho de bebé, à sombra de uma árvore. É um dia de Verão quente e bonito, céu azul. A luz dourada do Sol brinca através das folhas verdes das árvores. O tejadilho do carrinho está levantado. Acabei de acordar naquela beleza magnífica e sinto um bem-estar indescritível. Vejo o Sol cintilar através das folhas e das flores das árvores. Tudo é maravilhoso, colorido e magnífico até mais não poder.

Uma outra recordação. Estou sentado na nossa sala de jantar do lado ocidental da casa numa cadeira alta de criança e estou a beber às colheres leite quente com pedacinhos de pão. O leite sabe bem e tem um cheiro característico. Foi a primeira vez que tomei consciência do cheiro. Foi o momento em que, por assim dizer, me tornei consciente, através do olfacto. Esta recordação também é muito antiga.

Ou: uma bela noite de Verão. Uma tia diz: “Agora, vou mostrar-te uma coisa.” Foi comigo até à parte da frente da casa, à estrada para Dachsen. Lá muito longe no horizonte, estendia-se a cordilheira dos Alpes no crepúsculo em chamas. Naquele entardecer, via-se a cordilheira com toda a nitidez. “Olha agora präli, os montes estão todos

vermelhos.” Foi então que vi os Alpes pela primeira vez! Depois, disseram-me que as crianças de Dachsen iam no dia seguinte fazer uma excursão a Zurique para verem o Uetliberg. Eu queria ir também a todo o custo. Para dor minha, explicaram-me que crianças tão pequenas não podiam ir, não havia nada a fazer. A partir de então, Zurique e o Uetliberg eram a terra inatingível dos meus desejos, perto das montanhas de neve em chamas.

De uma época um pouco posterior: a minha mãe foi comigo ao Thurgau de visita a amigos. Estes tinham um palácio junto ao lago de Constança. Ali, ninguém me conseguia tirar da margem. O Sol cintilava na água. As ondas da passagem do vapor vinham bater na margem. Tinham desenhado pequenas costelas na areia do fundo. O lago estendia-se a uma distância a perder de vista e esta lonjura era um prazer inacreditável, uma coisa magnífica sem par. Foi naquele momento que se instalou em mim a ideia de que tinha de viver junto a um lago. Sem água, pensei, não se pode de todo viver.

Ainda outra recordação: gente estranha, azáfama, excitação. A criada chegou a correr: “Os pescadores trouxeram um cadáver para terra — das cataratas do Reno para baixo —, vão levá-lo para a lavandaria.” O meu pai disse: “Pois — pois.” Eu quis logo ver o cadáver. A minha mãe reteve-me e proibiu-me severamente de ir ao jardim. Depois de os homens se terem ido embora, atravessei o jardim a correr em segredo para ir à lavandaria. Mas a porta estava fechada à chave. Então, dei a volta à casa. Nas traseiras, havia um esgoto a céu aberto que dava para a encosta. Ali, havia água e sangue a gotejar para fora. Isso interessou-me extraordinariamente. Na altura, ainda não tinha quatro anos.

Uma outra imagem emerge: estou inquieto, febril, não consigo dormir. O meu pai traz-me ao colo, anda de um lado para o outro no quarto, cantando as suas velhas canções de estudante. Lembro-me, nomeadamente, de uma de que gostava especialmente e que sempre me acalmava. Era a chamada canção do soberano. “Tudo se cale, cada um se incline...”, era mais ou menos assim que começava. Ainda hoje me lembro da voz do meu pai, a cantar em cima de mim no silêncio da noite.

Como a minha mãe me contou mais tarde, eu sofria de um eczema geral. Rodeavam-me alusões obscuras a dificuldades no casamento dos pais. A minha doença esteve certamente relacionada com uma separação temporária dos meus pais (1878). Na altura, a minha mãe esteve durante vários meses no hospital em Basileia e, provavelmente, o mal